

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º A entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	35800	15900	5950	5120
Possessões ultramarinas (idem)...	45000	25000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	55000	25500	—	—

18.º Anno — XVIII Volume — N.º 583

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento, de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Cactano Alberto da Silva.

8 DE MARÇO DE 1895

HOMENAGEM A JOÃO DE DEUS



João de Deus



CHRONICA OCCIDENTAL

Apesar das pessimas noticias que chegam da provincia occasionadas pelos temporaes, apesar dos suicidios que se repetem em Lisboa d'um modo assustador, apesar dos assaltos á mão armada, por que os gatunos atacam os estabelecimentos da baixa, a cidade diverte-se e nós atravessamos uma quadra de festas. Esta semana trata-se nem mais nem menos do que da apothese d'um morto—Eduardo Coelho; e da glorificação d'um vivo—João de Deus. Ao primeiro devemos a implantação em Portugal do Jornal de dez réis, a propagação da Imprensa; ao segundo, os versos mais lyricos, mais encantadores que em portuguez jámais se escreveram; e além d'isso, como se fôra pouco, a *Cartilha Maternal!*

Esta tarde chegou o comboio do Norte com os estudantes, que no theatro de D. Maria, juntamente com os seus collegas de Lisboa, tomarão parte em um espectáculo, no proximo sabbado, espectáculo originalissimo, composto de recitação de poesias, canções do Norte, cantos coraes, trechos de muzica, tocados por diversas *tunas* academicas, e cujo producto será entregue ao glorioso poeta portuguez, a João de Deus, para elle lhe dar a applicação que entender.

A' hora a que escrevemos estas linhas, no theatro da Trindade, por iniciativa de Sousa Bastos, está dando-se uma recita interessante tambem, pois que n'ella tomam parte as companhias dos theatros de Lisboa, incluindo as companhias estrangeiras, como as do theatro de S. Carlos, de D. Amelia e do Colyseu das Portas de Santo Antão.

O producto d'este espectáculo, que promete ser rendoso, como foi o que hontem deu o theatro da Avenida e como o que em breve dará o theatro de D. Maria, vae ter como todos os outros o mesmo fim; augmentar a receita da subscrição aberta em varios jornaes e iniciada pelo *Diario de Noticias* para se proceder á construcção de um monumento que perpetue a memoria de Eduardo Coelho.

Actualmente já se falla e já se cuida tambem a serio, nos festejos com que se hade commemorar o centenario de Santo Antonio, que vem breve.

Quantas ideias generosas, quantas coisas boas, uteis e salutaes propagou Eduardo Coelho! Quantas pessoas analfabetas, aprenderam a soletrar e hoje sabem ler os deliciosos versos d'esse individuo, João de Deus! o proprio que lhes abriu á intelligencia e aos olhos, esses horisontes tão vastos, tão ricos e tão brilhantes, que se encontram na leitura e na escriptal

E Santo Antonio que fez?

Santo Antonio que hoje é um dos santos da Igreja, estando em Padua veio a Lisboa salvar o pae da forca e—fallou aos peixinhos!

Meu rico Santo, meu padre Santo Antonio! Perdoa-me a graçola, perdoa-me. Mereces, sim, mereces a tua apothese, tambem, porque te devemos alegres noites de romaria, alegres bailes e descantes ao luar. Está em ti, meu santo, incarnada a alma popular, dizem, pelos milagres que tu fizeste, pelas crendices que o povo liga á tua memoria. Mas, além d'isso, eu devo-te mais, devo-te o balbuciar das primeiras rezas; foi a tua imagem, a primeira imagem de santo que se fixou na minha infantil imaginação, imagem a cujos pés eu de joelhos murmurei os primeiros *Padre-Nossos* porque és, meu Santo Antonio, o orago da freguezia do meu alegre e saudoso *Reguengos de Monsaraz!*

Hoje custa-nos a comprehender como conseguiste fallar aos peixinhos, aos habitantes do mar! Os tempos são outros; hoje só sabemos como se falla aos habitantes da terra. Não é pela voz humana. É principalmente pelo jornal, pelo livro, pelo gume das espadas, pelo cano das espingardas, pela bocca dos canhões!

Outros tempos... outros costumes!

Vae o tempo para festas, vae.

O Congresso republicano reuniu-se e acto continuo dissolveu-se logo. Protestou em seguida e

no outro dia os seus membros em fraternal convivio, banquetearam-se no *Restaurant Club*, ao Chiado. Entre o protesto e o jantar, nomearam o novo Directorio que ficou composto dos srs. drs. Eduardo d'Abreu, Horacio Ferrari, Jacintho Nunes, Magalhães Lima e Gomes da Silva; *Commissão de propaganda*: Teixeira de Queiroz, Feio Terezes, Sabino de Souza, Teixeira Bastos e Alves Correia; *Commissão administrativa*: dr. Leão d'Oliveira, dr. Cupertino Ribeiro e Martins Cardozo.

O governo acaba de publicar os decretos da reforma administrativa, em que altera profundamente os serviços municipaes e attribuições dos conselhos, e em que estabelece novos deveres e attribuições ás juntas de parochia; além d'isso modifica a antiga organização dos districtos administrativos dos Açores.

El-rei, a rainha D. Amelia e seus filhos, o principe real e o infante D. Manuel, continuam em Villa Viçosa com alguns convidados, entregando-se ao prazer da caça, que as chuvas tem interrompido. E' de esperar que a familia real regressará proximo a Lisboa.

Annunciam-se para breve dois beneficios, em S. Carlos o de Regina Paccini, e no Gymnasio o de Valle.

No Real Colyseu a companhia italiana cantou ante hontem o *Fra Diavolo* e hontem *Il barbeo e l'intrigante*, com agrado.

No Colyseu das Portas de Santo Antão, além da companhia hespanhola, temos hoje estreia da *femmè incroyable*, e no theatro de D. Amelia, por estes dias, a apresentação da companhia de quadros plasticos.

Além d'estas, outras duas noticias importantes temos a dar, e são que na proxima semana teremos em D. Maria, a festa do dr. Marcelino de Mesquita com a 15.^a representação da sua applaudidissima peça o *Velho Thema*, e a *première* da *Santa Umbelina*, o novo original de Eduardo Schwalbach.

Augusto de Mello.

JOÃO DE DEUS



EVENDO acompanhar com algumas linhas o retrato de João de Deus, damos aqui publicidade ao parecer apresentado á Academia das Sciencias fundamentando a admissão do soberano poeta como membro d'aquella corporação, que por esta forma consagra a sua alta individualidade litteraria:

—Ha perto de quarenta annos que João de Deus traz encantada a sociedade portugueza com a graça fascinadora das suas poesias lyricas; esse poder passou além das fronteiras, e na Italia, d'onde irradiaram as formas definitivas do Lyrismo occidental, proclamaram-no o primeiro poeta amoroso da Europa moderna. E' uma gloria nacional, a quem se deve a consagração que todas as Civilizações espontaneamente prestam aos genios que as fe-

cundaram. Portugal foi sempre tardio no pagamento d'estas dividas; porém a mocidade das Escolas superiores orientada pelo novo ideal que se revelou com o Centenario de Camões, adianta-se entusiastica e em sua nobre e significativa iniciativa vem entregar a João de Deus a corôa com que symbolisa e presagia a sua immortalidade.

A obra de João de Deus é mais amada do que conhecida; amada, porque aquelle que uma vez leu ou ouviu recitar qualquer das suas poesias, como *A Vida*, *Heresta*, *Adoração*, *Maria*, *Marina*, *Remoio*, *Beijo na face*, conheceu logo a verdade de sentimento e a pureza do ideal que destaca João de Deus de todos os outros poetas; não é bem conhecida a obra de João de Deus, porque desde 1858 até 1893, ella achava-se dispersa por quasi todos os jornaes do paiz, como a *Estreia litteraria*, *Atheneu*, *Instituto*, *Bejense*, *Folha do Sul*, *Ecco do Lima*, *Gazeta de Portugal*, *Revolução de Setembro*, d'onde nem tudo chegou a ser colligido nos volumes intitulados *Flores do campo e Folhas soltas*.

Apezar de entrarem na edição geral e autentica do *Campo de flores* cento e seis composições nunca colligidas, ainda assim novas respigas tem dado o achado de mais de sessenta composições de João de Deus.

Era este poeta como uma voz da natureza; espalhava as notas da emoção da sua alma ao acaso do momento. Os amigos que o cercavam, na vida ruidosa da Universidade de Coimbra, ou no isolamento das apathicas cidades de provincia, é que transcreviam as estrophes ditadas e as atiravam á voragem da imprensa jornalística, unico meio que tinham para que admirassem o extraordinario poeta. Assim procederam Manoel de Paula da Rocha Vianna, João de Sousa Vilhena, Rodrigo Velloso, Guimarães Fonseca, Pinto Osorio. Foi entre a banalidade das noticias lozaes e a materialidade dos annuncios, em jornaes mal impressos em papel de embrulho, que os versos de João de Deus foram apparecendo casualmente, com todas as condições para se afundarem no esquecimento.

Vibrava n'ellas o sentimento; tinham luz, alma, perfeição, e exprimiam por uma forma universal delicadissimos estados da consciencia. Os versos foram lidos e copiados em collecções manuscritas de curiosidade. Mesmo com a sua obra assim desmembrada, o nome de João de Deus já desde 1860 em Coimbra era proclamado por Anthero de Quental como o renovador do lyrismo portuguez; e quando em 1868 appareceram reunidas no volume das *Flores do campo* algumas das suas poesias, já estava unanimemente reconhecido como o primeiro poeta da geração que succedeu ao Roman-tismo.

E de facto os versos de João de Deus separam-se de toda essa inexpressiva fecundidade, que caracteriza a escola de João de Lemos e de Palmeirim, cujos imitadores levaram o lyrismo á ultima degradação, rimando sobre o *eu* e sempre o *eu* das mediocridades. Soares de Passos reagiu contra esta corrente deleteria, depois de 1852, insistindo sobre a perfeição das formas metricas e intensidade do sentimento. A morte prematura não lhe permittiu elevar-se acima da idealização da sua propria tristeza. João de Deus, que foi condiscipulo de Soares de Passos no curso juridico de 1849 a 1850, trouxe á poesia portugueza uma transformação mais profunda; tornou a elocução mais ideal pela naturalidade; deu ao verso a harmonia implicita na accentuação da palavra; fez da rima uma surpresa e um colorido vivo; combinou novas formas estrophicas, renovando ao mesmo tempo o soneto e o terceto camoneanos com um pouco da graça dos modismos populares. Isto sómente não era bastante para o influxo immediato que exerceu; seria admirado como um artista, mas não teria o invencivel poder da sugestão nos espiritos. Os seus versos além d'essa perfeição parnasista, exprimem estados da alma, a paixão intima, vaga e quasi timorata dos antigos trovadores; aspirações indefinidas, como os neo-platonicos ou petrarchistas da Renascença; a unção mystica como a dos versos dos poetas exacticos hespanhoes, e finalmente a satyra mordente como a dos Goliardos e Estudantes da tuna das Universidades medievas cujo espirito faisca nas estrophes do *Dinheiro*. A impressão produzida, quando a poesia cahia desacreditada pelos exageros ultra-romanticos, foi grande, e fez-se sentir em uma rapida transformação do gosto e do esmero dos novos poetas; com verdade e justiça é bem que se repita — João de Deus é o mestre de nós todos.

Theophilo Braga.

CARTA A JOÃO DE DEUS

NÓ DIA DO SEU ANNIVERSARIO NATALICIO
EM 8 DE MARÇO DE 1895

Esta carta mal escripta
E feita sobre o Joelho,
E' carta de amigo, velho,
O coração é que a dicta.

E' só este o seu valor.
Que n'um dia de tal festa
De qualquer cousa immodesta
Nos livre Nosso Senhor.

Eu sinto a alma a pular!
Aquella santa aiegría
Que ha tantos annos não via,
Veiu-me hoje visitar,

Assim a modo em segredo;
Pouco tempo se demora,
Sei que amanhã vai-se embora
E não volta cá tão cedo.

Mas antes pouco que nada...
E em todo o caso obrigado
Por me haver proporcionado
Esta visita inesperada,

Que me avivou a saudade
D'esses tempos bem passados,
Sem tristezas nem cuidados...
Como é bella a mocidade!

Essa avezinha ridente,
Que nos vem cantar no seio,
E antes de chegar ao meio
Parte a voar de repente,

Assim como umas estrellas,
Que estão no ceo a luzir;
E deitam logo a fugir
Quando a gente olha para ellas.

A's vezes fico a scismar,
No ceo os olhos pregando;
Julgo até que estou sonhando
E não desejo accordar;

Pois em tal hora parece
Que é n'esse manto de rulle,
Tecido de ouro e azul,
Que a minha alma mais se aquece.

Se não fossem as estrellas
Que além brilham... O' João!...
Se não fosse o coração...
Quem faria cousas bellas?

O ceo d'astros reluzentes,
As avezinhas, as flores,
E cá no peito os amores,
E' tudo o que inspira a gente.

Não ha nada que enlouqueça
Como é este amor aváro...
Mas ainda agora reparo...
Onde tinha esta cabeça!...

O meu fim era saudar
O poeta do amor, das mães,
Era dar-lhe os parabens,
E tenho-o estado a maçar.

Libanio Baptista Ferreira.

POESIAS DE JOÃO DE DEUS

TEXTOS

AS CRECHES

«Mãe! leva-me tambem?
— Não pode ser, filhinha! —
«Pois deixa-me sósinha»?
— Deixo-te a outra mãe...
Que é mãe da orfandade,
E como mãe te ama!
«E ella como se chama?»
— Chama-se a Caridade! —

SEMPRE

Não te vejo por entre a gelosia;
Nunca no teu olhar o meu repousa;
Nunca te posso ver; e todavia
Eu não vejo outra cousa.

PUDOR

A teus dotes qual mais encantador
Tu ajuntas, amavel creatura,
Um para mim de todos o maior,
E que até embelezza a formosura:
O pudor!

AROMA E AVE

Eu digo, quando assoma
O astro creador:
Deus me fizesse aroma
De alguma pobre flôr!

E digo, quando passa
Uma ave pelo ar:
Deus me fizesse a graça
De azas para voar!

Aroma; da janella
Me evaporava eu,
Me respirava ella
E me elevava ao céo!

E quem, se eu fosse uma ave,
Me havia de privar
A mim da luz suave
D'aquelle seu olhar?

EPITAPHIO

No jardim do coração
Nasceram-nos duas flôres;
Mas quasi ainda em botão
Desbotaram-lhes as côres,
E eil-as cahidas no chão...
Onde estão nossos amores,
E os nossos olhos estão.

ANJO DA GUARDA

Quando a luz dos teus olhos contemplo
Sinto a alma banhar-se-me em luz
Como aquella que espalha n'um templo
Uma lampada ao pé de uma cruz...

Sinto o que eu talvez nunca na infancia
Pude ao collo materno sentir!
Sinto Deus a mais curta distancia...
Sinto o que eu te não posso exprimir!

Vae-me a alma no vago delirio
De innocente que o somno enlevou;
E assim como a essencia de um lirio
Voa ao céo, a minha alma voou.

Anjo meu tutelar! não me dizes
Porque fitas em mim esse olhar?...
Se ha no mundo quem ame infelizes,
És tu só, anjo meu tutelar!

João de Deus.

VERSIONE

I PRESEPI

«Madre! porti via me pur?»
— Nol poss'io, figlia diletta!
«Lasci me dunque soletta?»
— No: ti lascio ad altra madre,
Madre della orfanità,
Che qual altra madre ti ama!
«E con qual nome si chiama?»
— Il suo nome é Carità! —

SEMPRE

Neppur ti vedo entro la gelosia;
Mai nel tuo bello sguardo il mio riposa;
Mai riesce a me vederti; e tuttavia
Io non veggo altra cosa.

PUDORE

Ai pregi tuoi che incantano ogni cor
Tu unisci ancora, o amabile donzella,
Un che fra tutti ha merito maggior,
E ingentilisce te, che pur sei bella, —
Il pudor!

PROFUMO E AUGELLO

Dico io spesso, quando appare
In ciel l'astro creator:
Se Dio mi volesse fare
Il profumo d'un sol fior!

E dico io, quando un alato
Vedo in aère spaziar:
Se da Dio mi fosse dato
D'aver ali per volar!

Come aroma, io svaporava,
Dal balcone suo adagin,
Ella poi mi respirava,
E mi alzava al cielo al fin.

E se augél foss'io, chi mai
Mi potrebbe allor privar
Della luce dei suoi rai
Dolce sì da innamorar?

EPITAFFIO

Nell'orticel del cor
Ci nacquero due fiori,
Ma in bottón quasi ancor
Ne sbiadiro i colori
E caddero nel suolo...
U' stanno i nostri amori,
Lá dei nostri occhi é il polo.

ANGELO CUSTODE

Quando il vivo tuo sguardo contemplo
Sento entrarmi nell' alma un fulgór
Pari a quello che espande in un templo
Una lampada nanti al Signor...

Sento ciò che non mai nell' infancia
Potei in grembo alla madre sentir!
Sento Dio da me a breve distancia...
Sento ciò ch'io non posso ridir!

L' alma é assorta nel candido errore
Di innocente che in culla sognó;
E, simile all' aroma d'un fiore
Che al ciel vola, il mio spirito voló.

Ángel mio tutelar! non mi dici
Perché me stai sì fisso a guardar?...
Se nel mondo v'ha chi ami infelici,
Sei tu solo, ángel mio tutelar!

Prospero Peragallo.

Lisboa, 20 febbraio 1895.

CONGRESSO VITICOLA NACIONAL



JOÃO ACHILLES RIPAMONTE

CINCINATO DA COSTA

CONDE DE BERTIANDOS

(Desenho decorativo do sr. J. R. Christino)

JOAQUIM JOSÉ D'AZEVEDO

D. LUIZ DE CASTRO

CONGRESSO VITICOLA NACIONAL



1.º SERTORIO DO MONTE PEREIRA

2.º JOSÉ VERISSIMO D'ALMEIDA

3.º VISCONDE DE CHANCELLEIROS

UMA SESSÃO DO CONGRESSO

(Desenhos do sr. J. R. Christino)

4.º HENRIQUE DE MENDIA

5.º ANTONIO MAXIMO LOPES DE CARVALHO

CONGRESSO VITICOLA NACIONAL

O congresso vitícola nacional, inaugurado no dia 4 de fevereiro do corrente anno e que se reuniu na sala da bibliotheca da Academia Real das Sciencias, foi uma demonstração notavel da vitalidade do paiz.

Organizado sollicitamente pela Real Associação Central da Agricultura Portugueza, em virtude da proposta feita em 28 de junho de 1893 pelo illustre professor do Instituto agronomico, Sertorio do Monte Pereira; deve-se a sua realização á poderosa iniciativa dos promotores: D. Luiz de Castro e Henrique de Mendia, os quaes de coração se dedicaram a fim tão importante.

A inauguração do congresso fez-se com a maior solemnidade, presidindo el-rei D. Carlos, acompanhado de S. M. a Rainha.

Foi o sr. conde de Bertandos, quem, como presidente da Associação de Agricultura, leu o discurso inaugural de congratulação pelo concurso de tantas vontades e energias que adheriram á iniciativa da mesma Associação.

Ainda el-rei, o ministro das obras publicas e o sr. Henrique de Mendia, leram discursos de saudação e de applauso incondicional á ideia do Congresso.

Duraram oito dias os trabalhos dos congressistas. Importantissimas foram as questões que se debateram. A todas as sessões presidiu o sr. conde de Bertandos secretariado pelos srs.: Joaquim José de Azevedo e João Achilles Ripamonti, aos quaes se deveu a boa ordem dos trabalhos do congresso, pois que secundaram habilmente a energia do sr. conde de Bertandos.

Analysemos rapidamente os resultados dos trabalhos do congresso e imittamos tambem o nosso juizo ácerca do que se deve esperar de tão grande obra, como a da reunião de tantas centenas de viticultores.

Do Congresso não de resultar, necessariamente, valiosas indicações para os processos vinícolas, e ainda dos seus trabalhos ha de vir um influxo benefico para a regeneração agricola de Portugal.

Foi brilhante essa reunião e mercê do que n'ella se trabalhou decerto grandes fructos se hão de colher. Devem ser proficuos os seus resultados, porquanto proficientemente se visou á immediata utilidade, para assim se imporem aos viticultores as noções apresentadas.

Dividiu-se o Congresso em tres secções: 1.ª a que dizia respeito á viticultura propriamente dita; a 2.ª á œnologia e a 3.ª á economia vitícola.

A primeira secção (cultural) desenvolveu-se nas seguintes especialidades:

Castas americanas e sua adaptação, relator, Henrique de Mendia;

Viveiros e enxertias, relator, Barros e Cunha;

Plantações definitivas e cultura da vinha, relator, D. Luiz de Castro;

Doenças da videira:

§ 1.º *Parasitas vegetaes*, relator, José Verissimo de Almeida.

§ 2.º *Parasitas animaes*, relator, A. M. Lopes Carvalho.

A segunda secção (œnologica) comprehendeu:

1) *Fabrico e preparação dos vinhos de pasto*; relator, A. Batalha Reis.

2) *Fabrico e preparação dos vinhos generosos*, relator, Affonso do Valle Coelho Pereira Cabral.

3) *Doenças dos vinhos*, relator, D. Antonio Xavier Pereira Coutinho.

A terceira secção (*Economico Viticola*), desdobrou-se em:

1) *Condições economicas da viticultura portugueza*, em face das modernas exigencias culturaes. Relator, Visconde de Chancelleiros.

2) *Condições economicas da produção vinicola do paiz*, em face das circumstancias actuaes do nosso consumo interno e dos mercados importadores. Relator, Sertorio do Monte Pereira.

Enunciámos assim, seccamente, os pontos que o Congresso discutiu. Agora digamos em breves palavras tambem o que se assentou.

Quanto ao emprego de determinadas castas americanas, o congresso não resolveu em absoluto tão importante questão mas, collocou-a em termos taes que o problema pouco deve preocupar o viticultor. O relatorio do illustre professor do Instituto de Agronomia, Henrique da Cunha Mattos de Mendia, contribuiu de um modo brilhante para que o Congresso concluísse subjectivamente a assumpto de tanta importancia.

Uma questão, tambem grave e notavel, foi a dos viveiros e enxertias admiravelmente relatada pelo sr. Dr. João Gualberto de Barros e Cunha distincto proprietario-viticultor e illustre redactor d' «A Vinha de Torres Vedras». O relatorio está

redigido de uma forma facil, mas scientifica, e utilmente deduzido nas suas conclusões.

Plantações definitivas e cultura da vinha, quanto sejam de grande importancia não tinham todavia estas questões tanta monta e gravidade como as primeiras. Comtudo, o Congresso curou d'esses assumptos e é bastante para elogiar o trabalho que, feito a correr e sem os maiores estudos anticipados, elaborou o distincto agronomo D. Luiz de Castro.

No capitulo, deveras importantissimo, das *doenças da videira*, resultou do Congresso a condemnação de medidas communs ou especificas e oportunidade no tratamento dos males que tem asoberbado os nossos viticultores, mercê do trabalho consciencioso, sustentado brilhantemente, pelo seu auctor, José Verissimo de Almeida, sabio professor do Instituto de Agronomia.

Das doenças que etiologicamente derivam do parasitismo animal, tratou o sr. A. Maximo Lopes de Carvalho o qual apresentando um relatorio de grande valor, viu votadas pelo Congresso as suas conclusões e ensinamentos para o tratamento pratico da *anguillula*, *erinose*, *pulgão*, *phylloxera*, *pyrale*, *traça*, etc.

Viticultor emerito, forneceu ao paiz conclusões preciosas, redigidas claramente. E' decerto um dos trabalhos mais uteis que resultou do Congresso.

No seguimento natural dos trabalhos tratou-se das questões œnologicas, discutindo a produção de vinhos de pasto e generosos, e as doenças a que elles estão sujeitos.

E' bem reconhecida a altissima importancia de, uma vez possuidas boas vides, a questão de transformar convenientemente o fructo, para que se dê ao vinho as alterações que o tornam apreciavel.

Este vastissimo ponto, largamente discutido, prestou-se a que se elaborassem tres relatorios superiormente orientados e representando notavel erudição:

Sobre *fabrico e preparação de vinhos de pasto* o sr. Batalha Reis, um distincto e sabio œnologo que trabalha ha mais de vinte annos, em pró do seu paiz, redigiu com o mais subido criterio um substancioso relatorio sobre o qual houve no congresso a mais viva discussão. E assim devia ser: Era quasi o ponto capital, era o assumpto palpitante. Do bom fabrico de vinho de pasto ha de naturalmente derivar a maior procura d'aquelle producto e portanto a sua melhor collocação dentro e fóra do paiz.

As conclusões a que o congresso chegou, mercê das discussões especiaes que houve, já nas secções já nas assembleias, foram o estabelecer pequenas modificações indispensaveis no fabrico de vinhos de pasto.

Acerca do *fabrico e preparação dos vinhos generosos* apresentou ao congresso, o illustre proprietario-viticultor sr. Affonso do Valle Coelho Pereira Cabral, um relatorio redigido proficiente e claramente e que mereceu o maior apreço.

Nesse trabalho, extremamente curioso, apresentou o relator a descripção do fabrico dos vinhos generosos, chegando ás conclusões que o congresso applaudiu e que se inclinam á conservação, nas suas linhas geraes, dos processos tradicionais de preparação dos nossos vinhos do Porto, de forma que os typos tão celebrados e definidos d'estes excellentes vinhos não soffram alteração; e a observancia dos preceitos geraes exarados no relatorio, põe dependente o auctor a conservação dos bons creditos dos vinhos do Porto; e termina pedindo o barateamento da aguardente e outras materias primas essenciaes á industria vinicola.

Finalmente, das doenças dos vinhos, relator minucioso e intelligentemente o erudito professor D. Antonio Xavier Pereira Coutinho, illustre viticultor e notavel professor do Instituto de Agronomia e Escola Polytechnica e um dos auctores scientificos, mais respeitados.

Discutida e estudada a cultura da vinha e o fabrico do vinho, fechou o Congresso os seus trabalhos, examinando economicamente as condições de vitalidade da industria vinicola.

A direcção economica dada á agricultura em qualquer dos seus ramos incide n'elles notavelmente; é portanto do maximo interesse seguir os preceitos racionaes e economicos.

Foi o que fez o Congresso compendiando as suas conclusões, mercê dos relatorios dos srs.: Visconde de Chancelleiros e Sertorio do Monte Pereira, que trataram, d'uma forma empolgante, estas questões ponderosas para melhor orientação politica e economica do paiz.

O sr. Visconde de Chancelleiros foi porventura o vulto que mais brilhou no Congresso, e se assim aconteceu foi devido aos seus discursos verdadeiramente notaveis pela eloquencia e experiencia na questão.

Alfim oito longas sessões, acabou o Congresso os seus trabalhos, affirmando conselhos em grande e boa qualidade, nos quaes synthetisou as suas conclusões e não receamos affirmar que o Congresso vitícola nacional operará salutarmente pelas indicações que fornece e pelos trabalhos que originou.

Vamos agora acompanhar de rapidas linhas biographicas os retratos de alguns cavalheiros que tomaram parte no Congresso e de que conseguimos obter o retrato.

Peza-nos o não podermos prestar igual homenagem a todos esses trabalhadores illustres, taes como o sr. Visconde de Coruche, Conde de Samodães, Armando Seabra, Manoel Pestana, Batalha Reis, Barros e Cunha, F. Simões Margiochi, Correia da Fonseca, Pereira Cabral, Pereira Coutinho, etc., etc.; que como acima dissemos prestaram ao Congresso os mais relevantes serviços, já na discussão, já redigindo as conclusões.

HENRIQUE DA CUNHA MATTOS DE MENDIA. — Este cavalheiro foi a alma e a vida do Congresso. Sem a sua actividade decerto, não se realisaria.

E' director da Real Associação de Agricultura e um dos mais distinctos lentes do Instituto de Agronomia e Veterinaria, e par do reino. Foi em 1880 que o illustre professor completou com distincção o curso de engenheiro florestal.

O sr. Mendia é dotado de faculdades muito elevadas, é um observador fino e correcto cheio de talento.

Pertence ao Instituto de Coimbra e á Associação dos Engenheiros civis. Tem publicado muitos trabalhos de valor em virtude de honrosas e importantes commissões que lhe tem sido commettidas.

Eis alguns dos seus escriptos:

Estudos botanicos. Catalogo descriptivo das plantas florestaes. Arborisação das montanhas. Serviações florestaes. Os arrozaes no districto de Coimbra. A propriedade florestal e o Estado, etc.

D. LUIZ DE CASTRO. — Um trabalhador infatigavel, um advogado entusiastico da lavoura nacional; é a este cavalheiro que o Congresso deve o ter-se realisado. Henrique de Mendia foi a alma, D. Luiz de Castro foi o coração.

D. Luiz de Castro é diplomado com o curso de agronomia e foi collocado como repetidor na secção agricola do Instituto Agronomico.

Novo bastante, o seu talento e as suas qualidades pessoaes fazem d'elle a admiração de todos que o conhecem.

Como escriptor rural, tem um grande futuro, pois, além da sua these e de muitos artigos importantes em jornaes agricolas, publicou dois volumes valiosos: *Chronicas Agricolas, Produção e cultura do trigo em Portugal*.

O papel de D. Luiz de Castro no Congresso, repetimos, é um dos mais notaveis, pois que correu muitissimo para a realisação d'elle.

O sr. CONDE DE BERTANDOS. — foi o assiduo e illustre presidente do Congresso. E' um dos socios mais prestaveis da Real Associação de Agricultura Portugueza.

Par do reino, e sendo como é, um abastado proprietario no Minho, conhece muito a vida rustica d'aquella formosa região, tem feito estudos especiaes que o tornam muito considerado pelo merito com que cultiva as letras.

Fidalgo de nascimento, o seu caracter não se desvanece com os pergaminhos brasonados, distincto duplamente trabalha sempre, dedicando-se aos assumptos agricolas com o mais encendido entusiasmo.

Espirito aberto a todas as manifestações, aceita o sr. conde de Bertandos todas as ideias, boas e uteis, conservando simplesmente das suas tradições o que tem de nobre e de fidalgo, não transgindo com os excessos ou aberrações do progresso. E' um caracter muito apreciavel.

JOÃO ACHILES RIPAMONTI. — Foi um dos secretarios da mesa que dirigiu os trabalhos das assembleias geraes do Congresso. E' socio da Associação Central de Agricultura Portugueza.

Como redactor proprietario do *Portugal Agricola*, foi um dos que mais propagou a ideia do Congresso. Como chefe da repartição dos serviços agronomicos tem prestado ao paiz relevantes serviços.

JOAQUIM JOSÉ DE AZEVEDO. — Este cavalheiro é de um caracter e qualidades de sentimentos dos mais nobres. Modesto e bom, é tido por todos que o conhecem n'uma alta consideração que o distingue.

Espirito lucido, apreciando bem as pessoas e as cousas, analysa fria e correctamente. D'ahi provem que o seu conselho é sempre acatado e não raras vezes seguido incondicionalmente.

A GAZETA DE LISBOA E O DIARIO DO GOVERNO

(Continuado do n.º 582)

O referido artigo diz:

«Todos os emolumentos que actualmente se pagam nas secretarias d'estado debaixo de qualquer denominação e de qualquer natureza que sejam assim como o *producto do Diario do Governo*, entrarão em um cofre commum do qual pagarão: 1.º todas as despesas do expediente das mesmas secretarias, como livros, papel e mais miudezas; 2.º os vencimentos declarados no artigo 11, e todo o remanescente será repartido igualmente pelos officiaes mōres e officiaes de todas as secretarias.»

Em 6 de junho de 1859 uma carta de lei incumbiu ao ministerio do reino a direcção e administração da folha official do governo, devendo esta conter:—os documentos officiaes do governo e as sessões das duas camaras legislativas ou os extractos d'ellas. Manda essa lei que o *producto da folha* constitua uma verba especial de receita publica; que cada um dos officiaes das secretarias d'estado vença uma gratificação annual de 144,000 réis não sujeita a deducção alguma, isto em compensação dos emolumentos que lhes eram tirados da administração d'aquella folha.

Por essa lei foi o governo auctorizado a regular por meio de decretos tudo o que dissesse respeito á administração e direcção da folha official.

Em vista d'isso o governo creou pelo decreto de 31 de outubro do mesmo anno uma folha official sob a denominação de *Diario de Lisboa*, determinando que n'ella fossem publicados os boletins do paço, leis e regulamentos, decretos e diplomas regios, bem como os actos do governo e todos os documentos emanados das repartições e secretarias d'estado.

Essa folha conteria, alem d'isso, uma *parte não official* onde se inserissem as sessões das camaras legislativas ou extractos, noticias do interior e estrangeiras, cotação de fundos nominaes e estrangeiros, preços correntes de generos, boletins maritimos etc., etc.

Determinou-se que, a contar de 1 de janeiro de 1860 em diante o *Diario de Lisboa* seria de uma folha a 5 columnas, em grande formato, e que durante as sessões parlamentares, ou quando as circunstancias o exigissem, poderia o *Diario* ter mais de uma folha de impressão.

Determinava mais essa lei que o *Diario* seria estampado na Imprensa Nacional sob a direcção do administrador geral do estabelecimento.

Para a direcção, inspecção e administração da folha haveria um director, um sub-director, um secretario, dois traductores, um amanuense e um continuo.

No seguinte artigo diremos o que d'aqui surdiu.

(Continúa)

Silva Pereira.

SEGREDO ANTIGO

Romance pelo Morgado de Fortinhães

(Continuado do n.º 582)

V

UM CORAÇÃO DE MULHER

Corriam estes episodios nos ultimos dias de agosto, sob um sol fertilizador, e a 12 de dezembro seguinte, Estevam completaria os seus 25 annos e entraria emfim na posse dos cubiçados papéis da velha Pimenta.

A aproximação d'este dia, que Rosalia e Clara esperavam com igual impaciencia, (porque Estevam d'elle fizera depender todo o plano dos *esponsaes* igualmente jurados a ambas) começava já a produzir um certo abalo moral, de expectativa, em casa do José Elias. O sacristão, agora, todos os dias lembrava essa data, com uma vaga melancolia na voz:

— Só falta tres mezes! — exclamava elle. — Vamos a ver, vamos a ver o que d'ali sae! . . .

— Ai, Estevinho! — dizia a sr.ª Domingas. — Vaes ahí ficar, como um ovo, cheinho de peças!

— Quem sabe lá!

— Ai, filho! assim eu tivesse o ceu tão certo!

José Elias obviou:

— A questão é que tu sejas Pimenta. Se és, como toda a gente diz, filho do Placido Pimenta, que te trouxe do Brazil, pequenino, então tambem te digo que has de ter grossa dinheirama. Mas, se não és, então o caso muda de figura. Verdade se-

ja, que tu não te pareces nada com a raça do Pimentas.

— Ora! — contrariou a sr.ª Domingas. — Isso que faz? Pode ser que se pareça com a mãe.

— Pois está visto! — tornou o Elias. — Eu digo isto porque, tanto o Placido Pimenta como a minha madrinha, eram brancos como esta toalha, e o Estevam é moreno, como se vê. E' verdade que dizem que a outra irmã d'elles, a D. Henriqueta, que morreu, da febre amarella, no Rio de Janeiro, era tão morena que lhe chamavam, por gracejo, a *hespanhola*. Diz que, linda d'uma vez! Eu não a conheci.

— Então? E quem te diz que o Estevinho não saia, na côr, á tia? A gente, ás vezes, parece-se com um estranho, quanto mais com um tio! . . .

Clara, ao lado, escutava tudo isto com a face-sinha acesa de um lindo rubor. Pensava que, em breve, descoberto esse segredo que lhe retardava a ventura, poderia emfim realizar o maior sonho da sua vida, que as repetidas promessas de Estevam continuavam a alimentar. Tornou-se mais amorosa: e as vehemencias do seu coração exultante, importunavam já Estevam que aproveitava sempre o mais futil ensejo para escapar-lhes. Um dia, tendo-se encontrado ambos, por acaso, n'um apertado corredor da casa, ella abraçou-o, n'um transporte de alegria, e segredou-lhe:

— Sabes? Ando a desconfiar d'uma coisa.

— O quê — replicou elle, com um vago receio na voz.

— Por ora não t'o digo; sem ter a certeza. . .

— E é coisa boa ou má?

— E' boa, boa! exclamou a rapariga, com um singular clarão de ventura nos olhos.

Estevam, ao afastar-se pensou, um instante, n'esse estranho bem que Clara quasi lhe promettera; mas, por mais que o seu espirito indagasse, nada lhe occorria que pudesse esclarecer, sequer tenuemente, aquella inesperada promessa.

— Alguma nova estopada! — fez elle, ao fim da sua laboriosa concentração, com um brusco encolher de hombros.

E sahiu despreocupadamente para o *Bilhar Academico*.

A quinta feira destinada pela D. Florencia, para a passeata á quinta de Setães, chegou por fim com um sol magnifico e um azul macio, sem nuvens.

Esta feliz disposição atmospherica, embora parecesse a todos um acontecimento natural na epocha doce dos principios de outomno, fôra resultado de um contracto feito entre D. Florencia e o Ceu; pois n'esse mesmo dia, antes de partir para Setães, entregara ella á criada uma moeda de 500 réis, que tinha prometido ao seu devoto S. Ignacio, para elle, n'essa quinta feira, limpar o Azul e dar um sol propicio á passeata. D. Florencia fazia muitas vezes estas transações domesticas com o Altissimo, mas nunca se arruinava; — por um dia de sol, foi aquella a primeira vez que ella deu 500 réis. E' verdade que a paga mais generosa era espirital, em orações de duas horas seguidas. Barato, ainda assim.

A quinta de Setães, ficava a duas leguas da cidade, n'um lindo valle cortado de aguas, e todo alegre de verduras e casalejos. Era uma fresca vida de campo, com um *chalet* de telhados de ardosa, ponteagudos, as paredes listadas de côres excessivas, e certo fausto capellista e brasileiro nos doirados que enriqueciam os frisos das janellas e as rosetas de ferro do varandim central. Anastacio Felgueiras edificara esta ligeira construção sobre os alicerces de um velho casebre onde nascera, e, enquanto vivo e saudavel, vinha sempre passar ali toda a epocha estival, entre o regosijo de Rosalia que, com as vivacidades turbulentas dos seus 10 annos, intercalava suaves alegrias na viuvez desolada do pae. Depois da morte d'elle, D. Florencia, presa pelas mil occupações do seu biatismo aos templos e aos sacerdotes da cidade, raramente visitava esse logar rustico onde o culto não a seduzia, exercido, sem a pompa dos lausperennes, por um padre rude, n'uma capella onde a custo cabiam os sessenta visinhos da freguezia.

Aquella visita das brazileiras, nobilitada pela companhia do conego e da sobrinha, alarmou facilmente o logar.

D. Florencia, jovial como nunca, esquecia os seus 52 annos insulsos de solteirona, mostrando com ilacridade os locaes de mais pittoresco da quinta, aos dois homens, especialmente ao conego que já lhe elogiara com fervor umas uvas temporãs, de que ella lhe offerecera galantemente um cacho.

Silvestre, ao lado de Rosalia, entre aquella simplicidade aldeã, sentia uma doce ternura que lhe fazia a alma mais sensivel aos encantos da rapari-

E' novo e trabalhador; foi um collaborador valioso, e coadjuvando como secretario a mesa do Congresso.

Tem um caracter reflexivo, sem todavia ser concentrado. E' um espirito de fino quilate

Exemplar no seu trabalho, na sua assiduidade, e excellencia d'elle, presta serviços intelligentes na sua repartição agronomica, e isso attestam as commissões importantes que tem desempenhado.

Na especialidade é um escriptor de merito. O *Portugal Agrícola* deve bastante á sua penna.

VISCONDE DE CHANCELLEIROS.—Presidente honorario do Congresso, relator de um ponto notavelmente importante, é bem conhecido, não só como viticultor arrojado e de altissimo merito, mas tambem como pertencendo a uma familia de honrosas tradições, de inconcussa probidade, de talento e de grandes serviços á causa publica.

O sr. Sebastião José de Carvalho, par do reino vitalicio desde 1861, e visconde de Chancelleiros desde 1865, nasceu em 1830.

Varias vezes tem sido ministro das obras publicas em 1871 e em 1892. É um parlamentar dos mais distinctos, orando de uma forma original, mostrando grande copia de conhecimentos administrativos theoreticos e praticos.

Além do seu curso de engenharia, possui vasto saber da especialidade agricola. É o primeiro viticultor do concelho de Alemquer. É um inimigo declarado do terrivel phyloxera.

Allia a tudo isto, o sr. visconde de Chancelleiros, a maior independencia de caracter e a mais perfeita lhaneza e finura de trato.

JOSÉ VERISSIMO D'ALMEIDA.—Conceituado professor do Instituto de Agronomia e Veterinaria.

No seu trabalho apresentado ao Congresso, mostrou mais uma vez a sua alta competencia e afirmou o seu saber e estudo.

Caracter sympathico, trabalhador honesto e consciencioso, os seus estudos coordenados por um alto criterio corroboram o justissimo respeito que discipulos e collegas lhe tributam.

ANTONIO MAXIMO LOPES DE CARVALHO.—Viticultor emerito, assim lhe chamámos, pois que, junta á pratica da viticultura noções theoreticas que demonstram a sua auctoridade scientifica no assumpto.

É na Labrugeira que este illustrado cultor da vinha tem a sua mansão, onde com rara actividade achou campos nas suas propriedades para manifestar-se, honrando o nome que já distincto de raça, se distingue cada vez mais.

Como caracter, é um espirito franco, delicado, d'uma nobreza aristocratica a par da generosidade que acompanha a sua vida rural.

SERTORIO DO MONTE PEREIRA.—Este distincto professor do Instituto de Agronomia e Veterinaria é um dos agronomos da moderna geração, o qual no congresso viticola veio afirmar brilhantemente o seu grande talento.

Como professor, torna-se querido e respeitado dos discipulos porque é bom e de espirito generoso.

Eloquente, flue-lhe a linguagem em dicção aprimorada, e o seu vasto saber permite-lhe que esse dom se adorne das citações e dos dados scientificos com rara aptidão. E' a Sertorio do Monte Pereira, que, como dissémos, se deve a ideia do Congresso.

Na Associação dos Estudos Livres e na Real Associação de Agricultura, tem feito notaveis conferencias. Expondo o fructo do seu trabalho synthetico, demonstrando larga copia de conhecimentos.

Coração dedicado, dedica-se sem interesse. Espirito reflectido, dá bons conselhos tão seguros como competentes, no conselho superior de agricultura do qual faz parte, tem deixado o seu nome vinculado a trabalhos importantes.

CINCINATO DA COSTA.—Distincto professor do Instituto de Agronomia e Veterinaria. Na ultima direcção da Real Associação de Agricultura Portuguesa, antes da sua partida para a America do Sul, onde esteve no desempenho de uma importantissima commissão—a collocação dos vinhos portuguezes, n'esses mercados; desbravou o terreno, pôz toda a sua actividade e energia ao serviço do que então era uma simples tentativa—a realisação do Congresso.

O sr. Cincinato da Costa, na volta da sua viagem á America do Sul aonde fôra enviado, como dissémos, pelo governo, na qualidade de commissario tecnico de propaganda vinicola-commercial, deu mostras, no Congresso, da sua incansavel actividade, contribuindo tanto para o brilhantismo d'elle como para a sua realisação tambem trabalhara bastante.

Esteves Pereira.

ga; ali, a sua amizade com ella parecia-lhe mais antiga e mais forte, como se a paz fecunda que se estendia pelas varzens, os isolasse do mundo e fizesse d'aquelle simples episodio de convivencia, uma affectuosa e egoista emigração de noivos...

N'esta peregrinação atravez da quinta, pararam um momento á sombra de uns velhos sobreiros, que se estendia, ampla e espessa, sobre um pequeno comoro escalvado e mordido ao fundo pelas aguas de um riosinho estreito que atravessava a quinta.

Sentaram-se, por proposta do conego, n'umas grandes pedras, artificialmente dispostas para aquelle fim; e emquanto os dois velhos se estaviavam diante de um castanheiro proximo, todo ouriçado de castanhas, Rosalia contava ao advogado, melancolicamente, que era aquelle, o sitio querido do papá, quando vinha, dantes, para a quinta, nos verões...

— Tinha eu então 12 annos, acompanhava-o sempre... E não imagina como eu gostava d'isto, d'estes campos, d'estas aguas, d'estas serras... Parecia-me, então, que a suprema felicidade consistia em passar aqui a vida inteira...

— E hoje?

— Hoje... nem eu sei!...

Houve um momento de silencio.

— Não lhe parece, — disse por fim Silvestre, — que a paysagem e o silencio da aldeia, tem uma voz especial para chamar á sua simplicidade amorosa e grandiosa, qualquer espirito sensível, embora dissecada pelas sensações violentas e estereis das cidades?

— Sim, talvez...

— Ah! pode v. ex.^a acreditar-o. Eu, por exemplo, que me considero, sinceramente, um dos homens mais futeis do globo, ha alguns instantes que estranho a serie de idéas que no meu cerebro trabalhavam. Creio que nunca um bacharel formado como toda a gente, se viu em tão graves apuros, fora dos seus codigos officiaes. Mas v. ex.^a está a aborrecer-se e tem razão. Pareço um dialogador de Fontenelle, em crise didactica. Peço-lhe perdão.

— De boa vontade lh'a concedo. Mas o sr. doutor engana-se, eu não me aborrecia; estava até gostando de o ouvir, porque dizia coisas bem conformes com a minha sensibilidade...

— Então, concorda comigo, em que este meio desperta em nós sentimentos novos ou, pelo menos, adormecidos?...

— O sr. doutor experimentou, por acaso, esse phenomeno, hoje?

— Mais do que nunca, minha senhora. Creio que, ha alguns dias, me desconheço. Em Coimbra, fui sempre um bohemio sem pensamentos fixos, e mesmo depois que regressei á vida grave, de sociedade com meu tio, nunca pude fugir a essa desigualdade cambiante da minha indole. Meu tio chama-me farcista e tem razão: eu encolhi sempre os hombros, alegremente, ás coisas serias da vida. Ha dias, porém, mudei... E hoje, agora, aqui estou a fallar a v. ex.^a n'uma linguagem que eu, ha pouco tempo, repudiava como indigna de um rapaz de espirito. Não sei porquê, tudo me commove... Este ospecto de paysagem, filtra-me não sei que ineffavel emoção na alma, e até mesmo, não calcula, que delicia secreta me causam, n'este instante, as palavras que estou a proferir.

Houve um pequeno silencio. Silvestre, olhando-a limpidamente, murmurou, n'um sorriso:

— Já tenho pensado se estarei tambem contagiado de um mal a que eu só julgava os poetas accessiveis... Sabe v. ex.^a qual é?

Rosalia, vagamente enleada, balbuciou:

— Como hei-de saber?

— Quer que lh'o diga?

— Se não é segredo... — fez ella, tentando esconder n'um riso a sua perturbação.

— Só será segredo, se v. ex.^a o ordenar. E'...

D. Florencia, exhausta a palestra com o conego, interrompeu-o n'aquelle momento supremo:

— Oh senhor doutor! vamos lá ver as aguas da questão?

— Quando v. ex.^a quizer... — murmurou elle, atordoado por aquella subita interrupção.

E era tão estranha a expressão da sua physionomia, que o conego exclamou n'um riso, erguendo-se.

— Parece que acordaste agora! Oh senhora D. Rosalia, elle esteve a dormir?

Silvestre, já recuperada a serenidade habitual, replicou:

— Não, tio. Estive... a sonhar! — e voltou um olhar rapido a Rosalia, que n'aquelle momento parecia muito attenta a colher uns malmequeres silvestres que picavam d'oiro um vallado.

— A sonhar! Oh que maroto! E a sr.^a D. Rosalia a aturar-te! Tu custas a soffrer acordado, quanto mais a sonhar!...

— A senhora D. Rosalia perdôa-me, por amor das boas palavras com que o tio soube divertir a sr.^a D. Florencia.

— Ricas palavras! — confirmou esta. — Estivemos a conversar a respeito da plantação das batatas, e estou admirada como o nosso conego sabe do assumpto. Em adubos p'ra a terra, é mestre! Até dava gosto ouvir-o.

— Bondade sua, D. Florencia, bondade sua! Mas, vamos lá ao tal sitio da questão, ver essas aguas, dar que fazer a esse madraço. Elle parece ter-se esquecido de que é advogado e de que veio aqui por dever de profissão.

— Que rabujento está hoje o conego!... — ironiou requebradamente a velha. — Elle é sempre assim lá em casa, senhor doutor?

— Não, minha senhora? Em casa, só se irrita quanto a cosinheira demora o jantar.

E como o caminho era um correjo-escalvado e ingreme, atravez do pinhal, Silvestre foi offerecer o seu braço a Rosalia, enquanto D. Florencia e o conego, mais atraz, discutiam o preço da madeira que n'aquelle anno dera uma baixa lamentavel.



VISCONDE DA SILVEIRA

FALLECIDO EM 21 DE JANEIRO DE 1894

(Cópia de uma photographia)

Era já noite quando regressaram á cidade. E transpondo a larga porta do Palmeirão, D. Florencia voltou-se, jovialmente, para os dois homens que se despediam:

— Então não querem subir? São capazes de estar cansados do passeio!... Oh, que companheiros!...

— Oh, minha senhora, — balbuciou polidamente Silvestre, — o que nós não queremos, é incomodar vossas excellencias... Todavia, se assim o ordenam...

E disponha-se a penetrar nos adytos do Palmeirão, onde o prendiam os doces olhos de Rosalia, que escutava, silenciosamente, ao lado, quando o conego interveio:

— Suas excellencias não ordenam nada. Nós vamos para casa, e as senhoras cá ficam muito bem sem nós, porque precisam de descansar. A verdade é esta, e muito boa noite!

— Credo, conego! Está hoje de uma maldade feroz! — voltou D. Florencia.

— O tio tem d'estes dias assim, — tornou Silvestre. — Hoje, dá-lhe para a rudeza; amanhã, é capaz de desfazer em flores de amabilidade, toda a sua erudição ecclesiastica.

— Anda, anda, ri-te, meu advogado das duzias! Quero ver que conta has-de dar do recado aqui da D. Florencia. Que eu hoje, a fallar verdade, estou a achar-te exquisito; aos outros dias, nunca páras n'um sitio, o teu gosto é andar sempre a sarilhar, ora a conversar com este, ora a chalacear com

aquelle... E hoje, prégas-te todo o dia a estas senhoras, e ainda não queres largal-as! Parece feitiço!

(Continúa)

NECROLOGIA

VISCONDE DA SILVEIRA

O illustre titular Visconde da Silveira, que a morte arrebatou, no dia 21 de Janeiro proximo passado, foi um cidadão prestante, um portuguez benemerito, que no exercicio da difficil e espinhosa vida de medico, soube honrar a sciencia, não esquecendo os preceitos da caridade, que fazem da vida medica um sacerdocio sublime.

E que mais sublime missão que a do medico! O homem que dedica a sua vida ao estudo para curar a humanidade, enferma, e que prestando-lhe esse grande serviço não é um mercenario, que faz preço á cura de uma enfermidade e regateia os seus serviços usurariamente.

Quem assistiu em Lisboa ás epidemias da febre amarella, em 1856 e do cholera, em 1857, sabe das grandes dedicações e altos serviços que a classe medica prestou por essa occasião.

Pois foi no meio d'essas dedicações que se distinguio o sr. João Vicente da Silveira mais tarde Visconde da Silveira.

O sr. João Vicente da Silveira, Visconde da Silveira nasceu na Abrigada a 22 de Janeiro de 1824 e era filho de Mathias José Antunes da Silveira, honrado agricultor e proprietario, n'aquelle terra, e de D. Anna Izabel da Annunciação, senhora de raras virtudes e que os povos d'aquelles sitios cognominavam a Santa.

As ideas politicas dos seus progenitores, contrarias ao governo absoluto, levaram a sua familia a homisiar-se, nos ultimos cinco annos d'aquelle governo.

Assim correram os primeiros annos da vida do nosso biographado, sob as perseguições da politica e nos embates das revoluções.

Entretanto tendo serenado a tempestade, o sr. João Vicente da Silveira, ponde fazer a sua educação litteraria e scientifica, e no anno de 1847 concluiu brilhantemente o seu curso na Escola Medica de Lisboa, ao lado de Magalhães Coutinho, o grande medico e operador, que ali foi depois lente, e que a morte tambem arrebatou poucos dias antes de fallecer o sr. Visconde da Silveira, que o contava entre o numero dos seus amigos mais queridos, desde os bancos da escola.

O sr. Visconde da Silveira exerceu por largos annos a clinica nos concelhos de Alemquer e Cadaval, e é ali recordado o seu nome como o de um benemerito, pelos serviços que prestou áquelles povos; no exercicio do seu sacerdocio em que tinha os maiores disvelos para os pobres.

Os seus serviços humanitarios chamaram a attenção de El-Rei D. Luiz, que o agraciou com a commenda da Conceição e o nomeou medico da Real Camara, conferindo-lhe mais tarde o titulo de Visconde da Silveira.

Foi procurador á Junta Geral do Districto de Lisboa por Alemquer, durante muitos annos e importantes foram os serviços que prestou n'este cargo.

O desgosto de ter perdido dois filhos que tinha, levou-o a abandonar a clinica por completo, dedicando-se mais em especial á agricultura nas suas propriedades da Abrigada.

Concorreu com os productos agricolas da sua lavoura ás exposições da Tapada, em 1886, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889 onde foram devidamente apreciados e premiados.

O sr. Visconde da Silveira ha já alguns annos que tinha transferido a sua residencia para Lisboa, onde falleceu na sua casa do Campo das Cebolas.

A vida d'este benemerito titular foi a pratica constante do bem, a par das suas ideas liberaes e democraticas, amante do progresso da sua patria, repartindo os seus bens de fortuna em actos de caridade, quer socorrendo os pobres, quer concorrendo com donativos para as escolas do concelho onde nasceu e por tantos annos viveu, dotado de animo sempre aberto a todas as ideas generosas e levantadas.

A' sua illustre viuva e familia, em que se conta o conselheiro sr. Marianno de Carvalho, seu sobrinho, enviamos a sincera expressão do nosso pesar pela perda de tão prestante cidadão.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches, Rua Nova do Loureiro, 25 a 37